

Repensando o homonacionalismo¹

Rethinking Homonationalism

*Jasbir K. Puar*²

* * *

Tradução: *Luiz Morando*³

Em minha monografia de 2007, *Terrorist Assemblages: Homonationalism in Queer Times* (daqui em diante designado *TA*), desenvolvo o quadro conceitual de “homonacionalismo” para entender as complexidades de como “aceitação” e “tolerância” para assuntos gays e lésbicos se tornaram um barômetro pelo qual o direito à soberania nacional e a capacidade para a soberania nacional são avaliados⁴. Fiquei cada vez mais frustrada com o refrão padrão do discurso feminista transnacional, bem como com as teorias *queer* que afirmavam inequivocamente, de forma bastante veemente ao longo dos anos 1990, que a nação é heteronormativa e que o *queer* é inerentemente um fora da lei para o Estado-nação. Embora o discurso do excepcionalismo americano sempre tenha desempenhado um

¹ O presente artigo foi publicado na revista *International Journal of Middle East Studies*, Cambridge, n. 45, p. 336-339, 2013. A revista *Caderno Espaço Feminino* agradece à pesquisadora Jasbir Puar pela autorização da tradução.

² Jasbir K. Puar é professora e diretora de pós-graduação de Estudos de Mulheres e Gênero na Universidade Rutgers, onde é membro do corpo docente desde 2000. Autora dos livros: *Terrorist Assemblages: Homonationalism in Queer Times* (2007) e *The Right to Maim: Debility, Capacity, Disability* (2017), ainda inéditos no Brasil. E-mail: jpuar@rci.rutgers.edu doi:10.1017/S002074381300007X.

³ Doutor em Literatura Comparada pela UFMG. Pesquisador autônomo e independente sobre memória das identidades LGBTQIA+ de Belo Horizonte. Autor dos livros *Paraíso das Maravilhas: uma história do Crime do Parque* (2008) e *Enverga, mas não quebra: Cintura Fina em Belo Horizonte* (2020).

⁴ PUAR, Jasbir. *Terrorist Assemblages: Homonationalism in Queer Times*. Durham, N.C.: Duke University Press, 2007.

papel vital na formação do Estado-nação dos EUA, *TA* examina como a sexualidade se tornou uma formação crucial na articulação de cidadãos norte-americanos adequados em outros registros, como gênero, classe e raça, tanto nacional quanto transnacionalmente. Nesse sentido, o homonacionalismo é uma categoria analítica empregada para entender e historicizar como e por que o status de uma nação como “*gay-friendly*” se tornou desejável em primeiro lugar. Assim como a modernidade, o homonacionalismo pode ser resistido e ressignificado, mas não excluído: todos somos condicionados por ele e por meio dele.

Em *TA*, por exemplo, interrogo criticamente as respostas dos ativistas LGBTI+ à decisão da Suprema Corte de 2003 no caso *U.S. versus Lawrence*, que descriminalizou a sodomia entre adultos com consentimento agindo em privado, trazendo à tona como a celebração do sujeito liberal *queer* como portador de direitos de privacidade e a liberdade econômica sanciona um regime racializado de vigilância, detenção e deportação. Além disso, *TA* mostra como o homonacionalismo se torna global, pois sustenta as estruturas imperiais dos Estados Unidos por meio da adoção de um multiculturalismo sexualmente progressivo que justifica a intervenção estrangeira. Por exemplo, tanto as justificativas quanto as admoestações provocadas pelas fotos de Abu Ghraib se baseiam em construções orientalistas da sexualidade masculina muçulmana como simultaneamente excessivamente *queer* e perigosamente pré-moderna. O campo discursivo produzido em torno de Abu Ghraib lista sujeitos estadunidenses homonormativos na defesa da ocupação “democrática”.

Tem sido humilhante e também muito interessante ver como o homonacionalismo como conceito tem sido implantado, adaptado, rearticulado e criticado em vários contextos nacionais, ativistas e acadêmicos; suscitar um debate gerador e construtivo foi minha verdadeira intenção ao escrever o livro, que surgiu não como uma correção, mas uma incitação ao debate. A linguagem do homonacionalismo está aparecendo em

projetos acadêmicos e ativistas na América do Norte, Europa e agora na Índia. Por exemplo, um grupo sediado em Paris chamado “Não ao Homonacionalismo” (Non à l'homonationalisme) está contestando a campanha proposta para o *World Pride* em Paris por adotar o símbolo nacional do galo branco⁵. Uma conferência de 2011 sobre democracia sexual em Roma questionou a colocação do *World Pride* na área da cidade que abriga a maior porcentagem de migrantes e reivindicou uma política secular *queer* que desafie o Vaticano, bem como a postura anti-imigração de entidades organizadoras europeias. E, como discutirei a seguir, comentários críticos sobre a campanha de relações públicas favoráveis às pessoas LGBTI+ de Israel se fundiram em vários movimentos coordenados contra o *pinkwashing*, ou a promoção de Israel de uma imagem amigável a pessoas LGBTI+ para reformular a ocupação da Palestina em termos de narrativas civilizacionais medidas pela modernidade (sexual)⁶.

Às vezes, as viagens “virais” do conceito de homonacionalismo, tal como foi retomado na América do Norte, vários estados europeus, Palestina/Israel e Índia, encontraram aplicações redutivas em plataformas de organização ativista. Ao invés de pensar o homonacionalismo como uma acusação, uma identidade, uma má política, tenho pensado nele como uma analítica para apreender a formação do Estado e uma estrutura da modernidade: como um conjunto de forças geopolíticas e históricas, interesses neoliberais na acumulação capitalista tanto culturais e materiais, práticas estatais biopolíticas de controle populacional e investimentos afetivos em discursos de liberdade, libertação e direitos. O homonacionalismo, portanto, não é simplesmente sinônimo de racismo gay,

⁵ THOUNY, Laura. L'affiche de la gay pride, pomme de discorde entre association. *Le Nouvel Observateur*. Disponível em: <http://tempsreel.nouvelobs.com/societe/20110417.OBS1451/l-affiche-de-la-gay-pride-pomme-de-discordeentre-associations.html>. Acesso em: 17 jan. 2013.

⁶ Para um breve resumo, ver: <http://truth-out.org/news/item/12553-de-pinkwashing-israel> and <http://www.pinkwashingisrael.com/about-us/>. Acesso em: 17 jan. 2013.

ou outra forma de marcar como as identidades gays e lésbicas se tornaram disponíveis para imaginários políticos conservadores; não é outra política de identidade; não é outra maneira de distinguir os bons *queers* dos maus *queers*; não é uma acusação, nem uma posição. É antes uma faceta da modernidade e um deslocamento histórico marcado pela entrada de (alguns) corpos homossexuais como dignos de proteção pelos Estados-nação, uma reorientação constitutiva e fundamental da relação entre Estado, capitalismo e sexualidade. Dizer que esse momento histórico é homonacional, em que o homonacionalismo é entendido como uma analítica do poder, significa, então, que se deve engajá-lo em primeiro lugar como condição de possibilidade para a política nacional e transnacional. Parte do crescente recurso à domesticação e privatização das economias neoliberais e dentro das comunidades *queer*, o homonacionalismo é fundamentalmente uma crítica profunda dos discursos de direitos liberais de lésbicas e gays e como esses discursos de direitos produzem narrativas de progresso e modernidade que continuam a conceder acesso à cidadania a algumas populações – cultural e legal – em detrimento da delimitação e expulsão de outras populações. A narrativa do progresso pelos direitos dos homossexuais é, portanto, construída nas costas de outros racializados, para quem esse progresso já foi alcançado, mas agora está retrocedendo ou ainda não chegou.

Assim, teorizei o homonacionalismo como um conjunto de forças, afetos, energias e movimentos desterritorializantes e reterritorializantes. Embora o projeto tenha surgido na era política pós-11 de setembro nos Estados Unidos, o homonacionalismo também é um processo em andamento, o qual, em certo sentido, progride desde a era dos direitos civis e não é coerente apenas com o 11 de setembro como um momento temporal solitário.

A breve discussão a seguir sobre o homonacionalismo em relação ao *pinkwashing* e à Palestina pode ajudar a demonstrar as maneiras complexas pelas quais vejo o homonacionalismo não como identidade nem como posição

política. O homonacionalismo e o *pinkwashing* não devem ser vistos como fenômenos paralelos. Em vez disso, o *pinkwashing* é uma manifestação e prática possibilitada dentro e por causa do homonacionalismo. Ao contrário do *pinkwashing*, o homonacionalismo não é uma prática estatal *per se*. Em vez disso, é a convergência histórica de práticas estatais, circuitos transnacionais de cultura de mercadorias *queer* e paradigmas de direitos humanos e fenômenos globais mais amplos, como o crescente enraizamento da islamofobia. Essas são apenas algumas das circunstâncias pelas quais os estados-nação agora são investidos do status de “*gay-friendly*” versus “homofóbico”. A fusão de homonacionalismo e *pinkwashing* pode resultar em críticas bem-intencionadas ou posturas políticas que acabam reproduzindo o excepcionalismo *queer* do homonacionalismo de várias maneiras⁷.

Portanto, é importante mapear as relações entre *pinkwashing* e homonacionalismo, ou, mais precisamente, as condições globais de homonacionalismo que tornam possível e legível em primeiro lugar uma prática como o *pinkwashing* israelense. Ao conectar o *pinkwashing* israelense a um sistema global mais amplo de redes de poder, estou demonstrando a miríade de atores que convergem para permitir tal prática. *Pinkwashing* tornou-se um rótulo comumente usado para a promoção cínica de corpos LGBTI+ como representantes da democracia israelense. À medida que seu uso como abreviação se prolifera, ele deve ser situado em seu contexto geopolítico mais amplo. Ou seja, o *pinkwashing* funciona porque tanto a história quanto as relações internacionais globais são importantes. Portanto, embora seja crucial desafiar o Estado de Israel, isso deve ser feito de uma maneira que reconheça a gama de atores cúmplices.

⁷ Ver a discussão em PUAR, Jasbir; MIKDASHI, Maya. Pinkwatching and Pinkwashing: Interpenetration and Its Discontents. *Jadaliyya*, 9 ago. 2012. Disponível em: <http://www.jadaliyya.com/pages/index/6774/pinkwatching-andpinkwashing-interpenetration-and>; SCHOTTEN, Heike; MAIKEY, Haneen. Queers Resisting Zionism: On Authority and Accountability beyond Homonationalism. *Jadaliyya*, 10 out. 2012. Disponível em: <http://www.jadaliyya.com/pages/index/7738/queers-resisting-zionism-on-authority-and-accounta>.

Historicamente falando, o colonialismo colonizador tem uma longa história de articulação de sua violência através da proteção de figuras úteis, como mulheres e crianças, e agora o homossexual. *Pinkwashing* é apenas mais uma justificativa para a violência imperial/racial/nacional dentro dessa longa tradição de retórica íntima em torno das populações “vítimas”.

Além disso, a islamofobia proliferou desde o início da “guerra ao terror”, mas também antecede o 11 de setembro em várias formas (veja, por exemplo, a periodização da islamofobia de Edward Said, anunciada durante o fim da Guerra Fria). O *pinkwashing* funciona em parte explorando os circuitos discursivos e estruturais produzidos pelas cruzadas dos Estados Unidos e da Europa contra a ameaça espectral do “Islã radical” ou do “islamofascismo”.

Depois, há a função do capitalismo. A estrutura econômica acomodacionista neoliberal engendra *marketing* de nicho de vários grupos étnicos e minoritários, normalizando a produção de, por exemplo, uma indústria de turismo gay e lésbica construída sobre a distinção discursiva entre destinos *gay-friendly* e *não-gay-friendly*. Não desvinculado disso está o que chamo de “complexo industrial de direitos humanos”. A indústria de direitos humanos de gays e lésbicas continua a proliferar construções euro-americanas de identidade (para não mencionar a própria noção de identidade sexual) que privilegiam a política de identidade, “sair do armário”, visibilidade pública e medidas legislativas como os barômetros dominantes do progresso social.

Dentro desse nexos de história e economia, Israel aparece como pioneiro do homonacionalismo, estando perfeitamente situado para favorecer a normalização de alguns corpos homossexuais em relação a uma ocupação cada vez mais violenta da Palestina. Essa história homonacionalista de Israel, ou a ascensão dos direitos LGBTI+ em Israel, é paralela à crescente segregação concomitante das populações palestinas,

especialmente pós-Oslo. Além disso, os Estados Unidos são, em grande parte, culpados pela eficácia do *pinkwashing* israelense, uma vez que é em grande parte dirigido aos cidadãos dos Estados Unidos, o maior financiador de Israel, e mais geralmente aos gays euro-americanos que têm o poder político capital e recursos financeiros para investir em Israel. O colonialismo dos colonos dos EUA está inextricavelmente entrelaçado com o colonialismo dos colonos israelenses. Através de seu entrelaçamento financeiro, militar, afetivo e ideológico, parece-me que os Estados Unidos e Israel são os maiores benfeitores do homonacionalismo na configuração geopolítica atual, pois operam em três escalas de registro: interno, territorial e global.

Referências bibliográficas:

PUAR, Jasbir. *Terrorist Assemblages: Homonationalism in Queer Times*. Durham, N.C.: Duke University Press, 2007.

PUAR, Jasbir; MIKDASHI, Maya. Pinkwatching and Pinkwashing: Interpenetration and Its Discontents. *Jadaliyya*, 9 ago. 2012. Disponível em: <http://www.jadaliyya.com/pages/index/6774/pinkwatching-andpinkwashing-interpenetration-and>.

SCHOTTEN, Heike; MAIKEY, Haneen. Queers Resisting Zionism: On Authority and Accountability beyond Homonationalism. *Jadaliyya*, 10 out. 2012. Disponível em: <http://www.jadaliyya.com/pages/index/7738/queers-resisting-zionism-on-authority-and-accounta>.

THOUNY, Laura. L'affiche de la gay pride, pomme de discorde entre association. *Le Nouvel Observateur*. Disponível em: <http://tempsreel.nouvelobs.com/societe/20110417.OBS1451/l-affiche-de-la-gay-pride-pomme-de-discordeentre-associations.html>. Acesso em: 17 jan. 2013.

Recebido em dezembro de 2022.

Aprovado em abril de 2023.

